

As Bibliotecas e os Livros na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo

Francisco António Lourenço VAZ

(*in La Memoria de los Libros. Estudios sobre la historia del escrito y de la lectura en Europa y America, Salamanca, Instituto de Historia del Libro y de la Lectura- Fundacion Duques de Soria, 2004, t. II, p. 483-498*)

O nome de D. Manuel do Cenáculo Villas Boas (1724-1814) está ligado à criação de quatro bibliotecas: a Biblioteca do Convento de Jesus, a Biblioteca Pública de Beja, a Biblioteca Nacional de Lisboa e a Biblioteca Pública de Évora. Contribuiu, ainda, com donativos para outras bibliotecas de instituições e de particulares¹. Os livros e bibliotecas têm um lugar central nas preocupações do prelado. Com efeito, ao longo de praticamente toda a vida, foi juntando livros, que são uma constante na correspondência que lhe é dirigida, até porque alguns dos correspondentes eram livreiros, que lhe apresentavam as suas ofertas. Mas além desses, poucos são os que não falam de livros, quer para agradecerem as obras enviadas, para solicitar ou oferecerem os seus textos, para pedir orientações, patrocínio e intervenção para publicação e, finalmente, muitos foram também aqueles que lhe dedicaram as suas obras, quer em poesia quer em prosa².

1- Livros e Leituras

Antes de ver com pormenor a acção do prelado na criação de bibliotecas, vejamos o seu pensamento sobre os livros, ou seja, as ideias que nortearam esta acção reformista, cujo impacto chegou até aos nossos dias. Frei Manuel do Cenáculo constitui um bom exemplo da “mania da leitura” de que fala Roger Chartier, a propósito da difusão e vulgarização da

¹ Sobre a acção reformista de D. Frei Manuel do Cenáculo cf. VAZ 2000, págs.285-372. Quanto aos donativos a particulares, RIBEIRO 1914, págs.20-22.

² - Outros prelados tiveram papel determinante na criação de bibliotecas. Um bom exemplo é o Bispo do Porto, D. João de Magalhães Avellar (1754-1833), cuja biblioteca ultrapassava os 30.000 livros e estaria na origem da Biblioteca Pública do Porto.

prática da leitura e dos livros ao longo do século XVIII³. É que, além das leituras que por inerência do episcopado tinha de efectuar e das leituras diárias da Bíblia que anotavameticulosamente no seu Diário, sempre que podia, o interesse pelos livros, inclusive por textos manuscritos vinha ao de cima. Assim, em 1785 durante a viagem a Vila Viçosa, na estada que fez no Mosteiro da Ossa, passou uma manhã inteira no Cartório consultando manuscritos⁴.

Mas, além grande leitor, Cenáculo foi também um grande colecccionador de livros e com este interesse influenciou a formação de muitos dos seus contemporâneos e deixou obra para os vindouros percorrerem os caminhos da emancipação do saber de que fala Kant. No âmbito deste nosso trabalho, não podemos deixar de constatar que com esta preocupação com os livros, que são considerados o suporte imprescindível à formação e instrução, quer do povo quer das elites ilustradas, as ideias e a acção do prelado são uma prova de que considerava as bibliotecas como um meio necessário ao reformismo social e económico. Com efeito, nas ideias de Frei Manuel do Cenáculo, o investimento em livros, bibliotecas e escolas, é encarado como tendo benefícios quer a nível da produção, como comprova ao defender os estudos físicos do clero⁵, quer também na integração social. Era, efectivamente, como reconheceram os contemporâneos, a promoção da «felicidade pública» que presidia a esta bibliofilia⁶.

Deste modo, numa época em que a difusão dos livros e as práticas de leitura sofrem um incremento ao ponto de alguns falarem de uma «revolução da leitura»⁷, as ideias e projectos de Cenáculo adquirem um cariz reformista e de renovação cultural que importa sublinhar. Ideias que surgem documentadas por diversas vezes, a começar por um dos primeiros textos, as *Disposições do Superior Provincial*, onde se revela um homem bem informado sobre os progressos as ciências e artes no seu tempo e, entre os autores citados, sobressaem as referências elogiosas a John Locke e a Newton, bem como as críticas a Rousseau e Voltaire, demonstrando a leitura dos filósofos franceses⁸.

³ - CHARTIER 1999, págs. 284-315.

⁴ - ESPANCA 1981-1982, pag. 175.

⁵ - VILLAS BOAS 1786.

⁶ - A expressão foi usada por MORATO, 1815, pag. 94.

⁷ - CHARTIER 1999, pag.284 e DARNTON 1991, págs.177-208.

⁸ - VILLAS BOAS 1790, pag. 45. O manuscrito data de 1769.

Uma questão que pode suscitar algum reparo é a da censura pois, como é sabido, constituía entre nós factor de bloqueio cultural e mental. Neste domínio, Frei Manuel teve um papel político de primeiro plano, porque foi Deputado e depois Presidente da Real Mesa Censória⁹. Nesta qualidade, foi responsável pela censura de algumas obras e deu pareceres diversos a requerimentos de autores e livreiros¹⁰. Com base nestes documentos, os critérios básicos que, na opinião do Bispo, deviam reunir as obras para poderem ser publicadas eram a utilidade e a honestidade. Tal era o caso dum agramática da língua portuguesa do bacharel, António José Reis Lobato, porque como referiu o Censor: «a trabalhou com zelo, e com preceitos úteis sem ofensa da Religião, nem dos costumes»¹¹.

Conciliar o útil com o honesto não é certamente uma proposta revolucionária, mas indica alguma inovação. Este facto vê-se melhor nos *Cuidados Literários*, que podemos considerar um manual de instrução para professores e para a elite eclesiástica e civil. Relativamente às leituras, enumera um conjunto de “cuidados” relativamente aos livros de autores de outras confissões, ou mesmo das obras dos clássicos. Refere-se ao estudo da Filosofia e subordinação da razão à fé, ou da Filosofia à Teologia, porque a verdadeira razão é a dos Mistérios, por isso não repudia o dogma, antes o acata. E, dirigindo-se aos seus padres e aos professores em geral, aponta a utilidade como o critério fundamental para as leituras¹².

Para Frei Manuel do Cenáculo há diversas categorias de leitores, em conexão com a ordem social vigente: em primeiro lugar, todos devem ficar compenetrados dos seus ofícios, como cidadãos e cristãos, e esta é a instrução que os povos devem possuir. Num segundo plano estão os professores e os «Depositários da Religião e Guardas da sua pureza» que, além do instrução comum, devem ler os principais textos, nomeadamente, a Sagrada Escritura, os Padres da Igreja e podem mesmo consultar obras de autores hereges, mas só depois de imbuídos do verdadeiro «espírito cristão» e de saberem distinguir, através

⁹ - A partir de 1768 é Deputado da Real Mesa Censória e Presidente, de 1770 até 1777.

¹⁰ - BPE, CXXVIII/2-15, doc.8, fol. 8v.

¹¹ - *Idem*, doc. 9 fol. 2r.

¹² - VILLAS BOAS 1791, págs. 517-518.

da crítica, quais são efectivamente os livros úteis, ou quais são de todo ofensivos aos bons costumes e à religião¹³.

Para a primeira categoria de leitores a base indispensável para a instrução e a leitura mais indispensável é a do catecismo, que o Bispo reformador não se cansa de recomendar aos fiéis e de dar instruções precisas aos catequistas para que estejam imbuídos do verdadeiro «espírito cristão». Em matéria de autores a sua preferência vai para o catecismo de Montepellier, obra traduzida para português e a que o próprio Bispo de Beja deu parecer para publicação¹⁴.

Para a segunda categoria Frei Manuel redigiu um programa de leituras para os noviços do Convento de São Francisco e depois para os seminaristas do Seminário de Beja que testemunha quais eram as obras e autores. Assim, para os noviços, a primeira leitura recomendada é a da Sagrada Escritura. Por isso apresenta as leituras bíblicas que os regulares deviam fazer em cada dia do ano¹⁵. Trata-se de um mapa com indicação do tempo litúrgico, dia da semana, livro bíblico e respectivo capítulo e versículos. Depois da principal fonte para o estudo da religião revelada, seguem-se as fontes da tradição: leitura dos Santos Padres e obras ascéticas. Relativamente às disciplinas, é essencial que os livros apresentem as matérias com bom gosto, em alternativa aos velhos manuais¹⁶. Assim, para a Retórica, recomenda os clássicos: Quintiliano, Horácio, Terêncio, Cícero, Virgílio, Tito Lívio e Ovídio; bem como os pregadores, sobretudo Luiz de Granada. Para o ensino da língua materna, João de Barros, Frei Luís de Sousa e Camões. No Grego, Luciano e a Colecção de Patuza e relativamente à Filosofia aconselha Verney, Genovesi, Cícero e Burlamaqui¹⁷.

Volvidos alguns anos insiste neste mesmo programa e as recomendações que dá aos ordinandos da sua diocese é que, quanto aos livros, deviam ser escolhidos, tendo em consideração o nível etário e conhecimentos dos futuros clérigos. Defendendo, também, que leituras de um seminarista não podiam ser as mesmas de um Teólogo ou de um Bispo,

¹³ - «Pode-se bem contradizer em geral as proposições heréticas, lendo-as só nos livros que as impugnam, porém tais ocasiões se apresentam, que fazem necessários conhecimentos particulares. A mente do Escritor pede a inteligência do contexto». VILLAS BOAS 1791, pag. 520.

¹⁴ - Sobre a importância que atribuía ao catecismo veja-se VAZ 1998, págs. 218-224.

¹⁵ - VILLAS BOAS 1790, pag. 16.

¹⁶ - *Idem*, págs. 35-42.

¹⁷ - *Idem*, pag. 28.

porque, como diz, « os livros de Doutrinas mais sublimes; os Livros de Doutrinas erróneas, e prejudiciais; e que pedem Ciência mais madura; não são para a mocidade, que começa a aprender; e que carece das noções, que possuem os Sujeitos adiantados»¹⁸. No início da formação dos futuros padres o essencial é princípios claros e despidos de controvérsia.

Portanto, apesar de continuar a defender que há “bons e maus livros”, estes conceitos relativizam-se, conforme o público leitor. É neste contexto que se deve entender a criação e apetrechamento de bibliotecas, com um leque de obras diversificadas, percorrendo as diversas áreas do conhecimento e saber do seu tempo e onde não faltam as edições recentes das obras de Rousseau, Voltaire, Winckelmann, Ulloa, Ustariz, Beccaria, Savary, a Encyclopédia e tantas outras¹⁹.

Uma outra ideia que convém salientar é que, para o Bispo reformador, as bibliotecas só se compreendem, enquanto forem úteis e de fácil acesso para o público²⁰. O Prelado insurge-se mesmo contra aqueles que fecham ou aferrolham os livros, que os coleccionam por mera curiosidade e que os escondem do público, porque se todos tivessem usado desta avareza bibliófila, então as artes e ciências não teriam progredido²¹. Finalmente nas suas obras e projectos é possível também constatar que, ao lado da biblioteca ou no mesmo edifício, devia estar o Gabinete, ou Museu, para as peças arqueológicas e os produtos da natureza: os herbários e animais exóticos. Foram estas as ideias que orientaram a sua acção de impulsor de bibliotecas em diversas fases da vida e de que a seguir fazemos uma sistematização, que longe de esgotar o tema pretende apenas ser um contributo para análises mais profundadas.

2- A Biblioteca do Convento de Jesus

¹⁸ - *Idem, ibidem.*

¹⁹ - O valioso espólio da Biblioteca Pública de Évora, que muito ficou a dever ao seu zelo, permite constatar a existência dessas obras algumas com o ex-libris do Arcebispo. Por exemplo das *Oeuvres completes* de Voltaire existem duas edições a primeira datada de 1756 (17 vols.) e a segunda de 1757.

²⁰ - « Devo porém lembrar as Bibliotecas bem instruídas, para encher-se o fim das Composições Literárias, qual é o servirem ao público». VILLAS BOAS 1790, pag. 49.

²¹ - VILLAS BOAS 1790, págs. 49-50.

Entre 1768 e até Fevereiro de 1777, Frei Manuel do Cenáculo é Provincial da Terceira Ordem. Na relação sobre a administração temporal da Província descreve as obras levadas a cabo no Convento, que fora destruído parcialmente pelo terramoto de 1755. As preocupações com a higiene e saúde dos noviços, bem como com o seu bem estar e até conforto revelam um homem das luzes na plena acepção da palavra. Com efeito, a necessidade de luz, com a abertura de janelas e de compartimentos arejados está bem documentada. Mas também a preocupação com a instrução dos noviços e aqui cabe papel fundamental à biblioteca²².

Definidas as leituras, como acima referimos, era necessário formar a biblioteca. O documento que seguimos faz o inventário das despesas com as obras, para as quais o Bispo fez um donativo 4000 cruzados, mas com uma exigência que nos comprova a sua ideia sobre a utilidade e finalidade das bibliotecas: «com a condição porém que a Livraria haja de servir ao Público para a ela concorrerem os estudiosos em três dias na semana»²³. Além deste donativo Cenáculo deu para a biblioteca do convento 3.000 volumes, com a promessa de dar mais tarde 4.000. Com base no código é possível fazer o inventário dos livros que a nova biblioteca do Convento passou a ter:

Quadro 1- Biblioteca do Convento de Jesus (1777)

Livros da Comunidade que escaparam ao terramoto.	10.000
Livros oferecidos por Cenáculo	3.000
Oferta do Reitor de Oliveira de Azeméis	8.000
Prometidos por Cenáculo	4.000
Oferta do P. Mayne	1.000
Oferta do Vigário Provincial	1.000
Oferta do P. Sarmento	2.000
Totais	29.000

Se compararmos estes números com os 32.000 volumes, que Adrien Balbi contabilizou para esta da Biblioteca, no ano de 1822, verificamos que ela se enriqueceu com mais 3.000 volumes. De acordo com o autor italiano, era a segunda biblioteca de Lisboa e a terceira do país, logo a seguir à de Évora. Quanto ao espólio, segundo o mesmo autor, ela era rica em obras portuguesas e espanholas modernas, versando sobretudo a

²² - BPE, Cod. CXXVIII/2-5, fols. 56- 63.

exegética, a literatura, as humanidades e livros clássicos de grego e latim, e que, embora tendo obras de ciências naturais, nela não havia nada que tivesse sido publicado depois de 1806. O testemunho de Balbi comprova, também, que a biblioteca do Convento passou a ser pública, tal como exigiu o Bispo de Beja²⁴.

O fim das obras para a biblioteca do Convento não foi rápido. É possível que as obras se tenham arrastado durante muitos anos, pelo menos até Abril de 1796. Dizemos isto porque entre as numerosas cartas dirigidas ao Bispo de Beja encontram-se algumas de Frei António Baptista, que foi encarregado, pelo Defensor Geral, Frei Plácido, de ultimar as obras da biblioteca no ano de 1795. Em 13 de Julho desse mesmo ano escreveu ao prelado bejense agradecendo-lhe uma grande oferta de livros²⁵.

Uma primeira remessa dos livros prometidos chegou em Agosto desse ano, em quatro caixotes. No mês seguinte o Bispo enviou nova remessa, agora mais substancial e acompanhada mesmo de algumas peças para a decoração da biblioteca²⁶. Conforme nos diz, um dos exemplares mais notáveis era uma Bíblia manuscrita. Silvestre Ribeiro corrobora este testemunho e acrescenta que o donativo de Cenáculo à biblioteca do Convento de Jesus foi constituído por livros que haviam sido comprados para o Colégio de Coimbra, ou que ele próprio comprara, outros da sua livraria pessoal e «um grandioso presente de muitos livros e manuscritos raros, entre os quais um exemplar da Bíblia Moguntina»²⁷.

Em 31 de Outubro, nova carta agora entregue pelo Geral da Província, que se deslocou a Beja para pessoalmente agradecer os donativos concedidos à biblioteca. Quanto às obras avançavam com uma previsão para abertura, que apontava para Abril do ano seguinte e da admiração que estava a provocar entre os lisboetas e junto da Academia das Ciências²⁸. Idealizada em 1769 a Biblioteca terá assim iniciado o seu funcionamento passados 27 anos. Entretanto outros projectos contaram com o empenho e iniciativa de Frei Manuel do Cenáculo, que apesar de ocupar altos cargos, como o de Preceptor do Príncipe da Beira e o de Presidente da Mesa Censória continuou a pugnar pelas mesmas ideias, ou seja a encarar os livros e as bibliotecas como um bom investimento.

²³ - *Idem*, fol. 59.

²⁴ - BALBI 1822, t. II, pag. 84.

²⁵ - GUSMÃO 1949, pag. 185.

²⁶ - *Idem*, págs. 186-187.

²⁷ - RIBEIRO 1914, pag. 21.

Foi precisamente na qualidade de Presidente da Mesa Censória que delineou o projecto para uma biblioteca que em nada ficasse a dever as dos países europeus e que constituiria o núcleo a partir do qual se criou a Real Biblioteca Pública²⁹. O papel do Bispo de Beja desenvolveu-se sobretudo em dois níveis: o primeiro na aquisição dos fundos bibliográficos e o segundo na apresentação de um plano para a construção do edifício. Pelo decreto régio de 2 de Outubro de 1775, a Biblioteca recebeu o palácio do lado Ocidental da Real Praça do Comércio. A morte de D. José e afastamento de Pombal, com a consequente retirada de Frei Manuel para Beja, iriam ditar a sorte da instituição, cujas obras terminaram em 1784. O seu funcionamento ficou muito aquém das expectativas do Bispo reformador, mas as suas diligências teriam importantes repercussões. Em finais de 1794, António Ribeiro dos Santos recebia a incumbência de salvaguardar este valioso património, que, com o Alvará de 29 de Fevereiro de 1796, transitou para a Real Biblioteca Pública da Corte, futura Biblioteca Nacional. Mas também nesta instituição ficaram as marcas de Cenáculo, que de Beja acompanhou todo o processo e continuou a coleccionar livros e a criar novas bibliotecas.

3 - Coleccionando livros e formando uma Biblioteca Eclesiástica

Logo nos primeiros anos do seu episcopado, D. Manuel do Cenáculo revelou grande preocupação pela formação do clero e deu recomendações precisas sobre o funcionamento da biblioteca, cuja frequência considera imprescindível para os futuros clérigos. O pequeno regulamento que apresentou para a biblioteca do Seminário de Beja, espelha no essencial o seu pensamento neste domínio. Considera necessário um Bibliotecário permanente, que seria auxiliado pelos alunos nas suas horas vagas, para que estes se fossem familiarizando com os livros e adquirindo assim hábitos de leitura. O horário de consulta devia ser restrito, às segundas e quintas de manhã³⁰. Estipula a formação de um catálogo com os livros existentes, os empréstimos domiciliários são proibidos e deve-se cuidar que os livros sejam tratados com asseio. Ao bibliotecário competia evitar que os ordinandos gastassem «demasiado tempo na leitura de livros curiosos; ainda que na outra parte sejam úteis; mas

²⁸ - GUSMÃO, *Idem*, pag. 189.

²⁹ - DOMINGOS 1992, págs. 137-158.

que os podem distrair da obrigação principal»³¹. Quanto ao número de volumes desta biblioteca eclesiástica ela rondaria os 9.000 ou mesmo 10.000 volumes.³²

A formação de uma biblioteca não se limitou na acção de Cenáculo ao clero ele continuou a sua paixão pelos livros e pelas leituras. As numerosas cartas que recebeu, durante os 28 anos que permaneceu em Beja, comprovam que foi juntando uma grande quantidade de livros, uns oferecidos, mas a grande maioria comprados, através de agentes ou dos próprios livreiros. Fizemos apenas uma sondagem à numerosa correspondência que lhe foi dirigida³³. Com ela é possível constatar que os livros e leituras são um tema constante, e que durante o seu episcopado Frei Manuel esteve permanentemente em contacto com os mais diversos locais. Na verdade, tinha uma autêntica rede de correspondentes distribuídos pelos quatro cantos do mundo³⁴. Sem esgotar o assunto enumeremos apenas alguns dos mais significativos de Portugal e do império português: Lisboa, Coimbra, Évora, Goa, Brasil, Macau e Timor. Das cidades estrangeiras: Roma, Pádua, Turim, Nápoles, Madrid, Sevilha, Paris, Londres, Bruxelas, Haia, Oxford, S. Petersburgo.

Foram sobretudo agentes e livreiros que o mantiveram informado sobre as novidades literárias, nomeadamente, sobre leilões de livros raros e que lhe enviaram notícias de obras recentes; tais foram Andrés Silva de Bruxelas, Francisco José Maria de Brito, Frei António Raimundo Pascual, que foi o seu principal fornecedor das obras de Raimundo Lulio, bem como dos aspectos relacionados com a filosofia luliana³⁵. Este último, numa das suas primeiras cartas, em 1752, revela o seu espanto perante o facto de a obra de Luís António Verney circular livremente em Espanha e passados 36 anos, em 1788, informa que a *Encyclopédia* francesa fora proibida em Espanha, porque trazia «desacatos à

³⁰ - BPE, CXXVIII/2-4 1777, fol. 3r.

³¹ - *Idem*, fol. 3v.

³² - Segundo RIBEIRO 1914 pag.9, 9.000; ESPANCA 1981-1982, pag. 194, indica 10.000 volumes na Livraria Pacense.

³³ - Segundo MARCADÉ 1978 págs. 498-499, 5000 cartas, das quais 4629 foram repertoriadas por Nobre Guzmão e Sequeira Alves. Mas além destas existem ainda rascunhos de cartas escritas por Cenáculo nos códices da BPE CXXVIII/2-9; CXXVIII/2-10 e CXXXVIII/2-11.

³⁴ - Sobre a correspondência veja-se VAZ 2000, pags.285-372 .

³⁵ - Em carta de 1754, fala do interesse de Cenáculo na filosofia luliana. *Cf.*, BPE, Cod. CXXXIII/1-3, fols. 38r-39v.

Nação espanhola e ao Rei» e que por isso doravante passavam a ser detidos na aduana as obras impressas fora de Espanha³⁶. Recorrendo a estes correspondentes e agentes, Cenáculo foi juntando um valioso espólio bibliográfico, numismático e mesmo de peças arqueológicas ou de História Natural; para constituir a biblioteca para o clero, mas também um museu, ambos no paço episcopal³⁷.

Data, também, dos últimos anos do seu episcopado em Beja o valioso contributo para a criação da Real Biblioteca Pública. De acordo com a correspondência que manteve com António Ribeiro dos Santos, o impulsionador desse projecto³⁸, não restam dúvidas que se tratou de uma doação substancial, pela quantidade de exemplares e pelo seu valor. Entre as obras doadas incluía-se um grande número de manuscritos, entre os quais se destacava um Bíblia em pergaminho do século XII, sobre cuja raridade e até importância para o dogma da Santíssima Trindade discorrerá mais tarde o Bibliotecário da Biblioteca Nacional³⁹. Feita a doação para a Real Biblioteca Pública restava-lhe, ainda, um espólio considerável. Parte desse património constituiu o núcleo da biblioteca eclesiástica de Beja, mas a grande fatia transitou para Évora, quando foi eleito Arcebispo, em 1802, e foi o núcleo a partir do qual se organizaram duas importantes instituições culturais: a Biblioteca e o Museu.

4 - A Fundação da Biblioteca Pública de Évora

As ideias que nortearam o Arcebispo de Évora para fundar uma Biblioteca Pública em Évora foram as que desde há muito vinha defendendo: a utilidade da instrução do clero e dos restantes diocesanos e a necessidade da biblioteca para alcançar esse fim. Isso mesmo foi invocado no preâmbulo dos Estatutos de forma inequívoca, entendendo tal projecto

³⁶ - *Idem*, fol. 48r.

³⁷ - Bento Farinha testemunhou a criação do museu pacense. Cf. VAZ 1996-1997, págs. 447-492.

³⁸ - Veja-se PEREIRA 1989, págs. 75-80. Em 5-12-1796, António Ribeiro dos Santos acusa a recepção dos catálogos das obras que o Bispo ia doar a Real Biblioteca, mostra-se satisfeito por «neles encontrar tantos livros, tão raros, e tão capitais em todas as classes científicas que não têm preço» BNL, Cod. 8549, pag. 179.

³⁹ - A importância dogmática estaria no facto de nela estar bem documentado o dogma da Santíssima Trindade. Cf. NORONHA 1844, pag. 55.

como uma obrigação da sua pastoral⁴⁰. Outro ponto que ficou bem vincado foi, mais uma vez, a exigência de que a biblioteca servisse o público. Com efeito, determinava o artigo oitavo que quatro vezes por semana, nas manhãs de Terça e Sábado e nas tardes de Segunda e Quinta, seria aberta para os leitores, que deviam ser tratados com « agrado e bom acolhimento, e franqueza», pelos oficiais e restantes empregados.

Para Frei Manuel, a Biblioteca de Évora surge como corolário de toda uma vida em que a colecção e aquisição de livros, raridades, obras de arte e peças naturais foi uma constante, tendo sempre em vista criar bibliotecas e museus para instruir o maior número possível de pessoas, através da leitura e da observação de obras de arte ou da natureza. A criação de uma biblioteca pública era, portanto, o ponto mais alto de toda a sua actividade e gosto pelas colecções, tanto mais que vinha dotar a cidade de Évora, com uma instituição onde queria reunir o que considerava importante para o progresso do saber. Por isso, foi uma das primeiros actividades em que se envolveu logo após a chegada. O seu Diário dá conta que os trabalhos de instalação iam a bom ritmo, sobretudo a partir de 1805. Para a biblioteca escolheu a ala ocidental do palácio episcopal, que tinha sido destinada por um dos seus antecessores para Colégio dos Meninos do Coro da Sé e que estava ligado por um passadiço ao resto do edifício, onde instalou o Gabinete, que posteriormente seria o Museu Regional⁴¹.

Os fundos bibliográficos eram, nesta primeira fase, provenientes dos livros deixados pelo seu antecessor, Frei Joaquim Xavier Botelho de Lima⁴² e dos muitos milhares que o próprio Cenáculo trouxera de Beja que, de acordo com o inventário feito após a sua morte em 1814, seriam 50.000 volumes⁴³. As invasões e o saque de que foi alvo a cidade, pelos franceses em 1808, bem como a prisão do Arcebispo pela Junta Revolucionária, atrasaram todo o processo e a perda de parte do valioso espólio, em

⁴⁰ - BPE, Cod. C/ 2-18, 1811, fol 5., e ESPANCA 1981-1982, pag. 206.

⁴¹ - ESPANCA 1981-1982, pag. 194-196. O Museu, segundo MACHADO 1985, pag. 34, ficaria também a dever a Frei Manuel do Cenáculo a sua fundação, pelo menos no que diz respeito à sua valiosa colecção de pintura. Por outro lado, Biblioteca e Museu ficariam deste modo ligados como se fossem dois gémeos siameses, o que correspondia às ideias que desde há muito defendia Frei Manuel do Cenáculo. Para esse efeito procedeu-se a obras no conjunto arquitectónico que terão rondado os 6.800.000 réis. BPE, Cod. C/ 2-18, fol. 1r.

⁴² - Segundo RIBEIRO 1914, pag. 51, esse núcleo rondava dois mil volumes. ESPANCA 1981-1982, pag. 215, diz que esse número era de 2.314.

⁴³ - BPE, Cod. C/ 2-18, 1811-1839, fols. 7r – 10v.

especial o rico monetário e as valiosas colecções de produtos exóticos⁴⁴.

Após as invasões retomou o seu projecto, pela provisão de 21 de Setembro de 1811 aplicou para a conservação da Biblioteca 300\$000 réis provenientes da Mitra e mais 200\$000 réis da Fábrica⁴⁵. No ano de 1813 começou a ser ordenado o Museu, pelo Bacharel Francisco da Paula Velez e no mesmo ano Frei José Constâncio Lopes da Cruz começou a fazer o catálogo da livraria. A morte do Arcebispo trouxe um interregno nestes trabalhos. O inventário ao espólio do prelado, feito pelo Juiz José António de Leão, acrescenta dados relevantes sobre a biblioteca e museu. Assim, na nota que enviou, em 22 de Fevereiro de 1814, ao Governo da Regência, dá conta do estado caótico em que ainda se encontravam as duas instituições, mas também do valor das colecções reunidas:

A livraria, incluída apenas numa vastíssima sala com 72 Estantes de 11 ordens cada uma, que não podem conter grande número de Livros, que ainda estão em bancas, e caixotes fechados é avaliada (...) em 50.000 volumes: além destas Estantes, e Caixões há mais 30 grandes armários, e 28 mais pequenos, recheados de manuscritos, e livros antigos impressos, obras proibidas, e sobretudo de pergaminhos da maior riqueza, raridade (...); mas de tanta preciosidade, nem há Catálogo, nem Inventário algum, e o mais é que uma admirável Livraria esta colocada sem ordem ou sistema algum, nem mesmo tem a vantagem de se encontrarem juntas todas as Obras do mesmo Autor, e algumas vezes nem todos os tomos da mesma obra⁴⁶.

Mas o juiz do inventário fala também das hesitações dos prelados que deviam continuar a obra iniciada por Cenáculo: o novo Arcebispo, D. Frei Joaquim de Santa Clara e António José de Oliveira, Bispo e Vigário Capitular do Arcebispado de Évora. Este último fora nomeado, de acordo com os estatutos, primeiro bibliotecário, mas punha em dúvida a competência do inventário. A dúvida estava no facto de saber se a doação da Biblioteca à Igreja Metropolitana, se aplicava aos seus sucessores e consequentemente as obrigações que ela implicava: que a Biblioteca fosse pública, que manteria os ofícios e empregos determinados nos estatutos e que o seu Presidente seria o Arcebispo⁴⁷. O zelo do juiz e a prova de que procurou uma solução para os diferendos surgidos ficam demonstrados com as suas propostas para se procederem a algumas vendas de livros, que

⁴⁴ - Estatutos in ESPANCA 1981-1982, pag. 207.

⁴⁵ - Cf. RIBEIRO1914, pag. 22.

⁴⁶ - BPE, Cod. C/2-18, fol. 7r-7v.

⁴⁷ - « Que será pública em certos dias e horas da semana». *Idem*, fol. 8v.

estavam repetidos e que se arrendasse a propriedade de Valverde, através de um leilão público. Em resposta a Regência isentou de inventário a biblioteca e Museu, pela grande confusão em que estavam sem catálogo e pelo tempo que demoraria o inventário, e encarregou o Bispo eleito e Vigário Capitular de fazer o catálogo. Determinou, também, que só se vendessem os livros que apresentassem sinais de corrupção⁴⁸.

Tentemos resumir em quadro, e tomando como base as diversas fontes consultadas, o número de volumes que Cenáculo deu as diversas bibliotecas, ou que por sua iniciativa foram reunidos e salvaguardados⁴⁹:

Quadro 2 – Doações e apoios à criação de bibliotecas

Biblioteca	Livros	Monetário
Convento de Nossa Senhora Jesus de Lisboa	7000	
Real Mesa Censória e Real Biblioteca Pública	60000	3000
Eclesiástica de Beja	10000	-
Familiares	500	-
Convento da Serra de Ossa ⁵⁰	49	-
Biblioteca Pública de Évora	50000	4000
Totais	127549	7000

Trata-se efectivamente de uma acção verdadeiramente notável. Basta, por exemplo, comparar os números que já referimos para outras bibliotecas de prelados, ou mesmo de instituições. Neste último caso e a título de exemplo, o Colégio dos Nobres, que tinha uma dotação financeira excepcional, possuía de acordo com o catálogo feito em 1829 uma biblioteca com 10.264 volumes. Isto significa que durante sessenta e nove anos esta instituição juntou menos de 1/10 dos livros, que o Bispo de Beja conseguiu reunir ou colocar em bibliotecas⁵¹.

Uma última questão que se coloca, dada a dimensão que os números documentam, é

⁴⁸ - Relativamente a venda de livros, indica 200 jogos de catecismos de Montpellier e muitas obras impressas de Cenáculo. Cf. BPE, Cod. C/2-18, fol. 11r

⁴⁹ - Para uma quantificação exacta era necessário proceder a um levantamento exaustivo das obras existentes nas referidas instituições, o que não está no âmbito deste trabalho.

⁵⁰ - Dos vários donativos feitos encontramos apenas uma lista intitulada: «Livros que dei à Livraria da Serra de Ossa quando fui à sagrada». BPE, Cod. CXXIX/1-21, fol.177r. A lista de 19 obras compreendendo 49 tomos.

⁵¹ - BNL, Cod. 7394, 1829.

a de saber onde foi buscar rendimentos para a adquirir⁵². Cingindo-nos apenas aos livros, além das numerosas ofertas, e da orientação dos fundos bibliográficos provenientes das livrarias jesuíticas, não restam dúvidas que gastou rios de dinheiro com a aquisição de muitos exemplares e que se empenhou para esse fim. Com efeito, está permanente endividado, sobretudo, por causa das esmolas, dos gastos com a instrução, criação de escolas e seminário em Beja, mas também por causa das muitas compras que faz para a sua coleção de livros. Para obter dinheiro, um dos expedientes a que recorreu foi o arrendamento ao negociante da praça de Lisboa, Gaspar Pessoa Tavares, de todos os frutos e rendimentos do seu Bispado de Beja, durante quatro anos (1792-1796), por oito contos de réis em cada ano⁵³.

O outro expediente foi a aplicação do produto da décima eclesiástica. Como o comprovou a evolução dos acontecimentos, no dia 23 de Setembro de 1823, o Real Erário mandou sequestrar a Biblioteca e Museu de Évora, para tentar reaver a «dívida de 3.933.509 réis da décima eclesiástica de Beja, contraída no tempo do governo do Bispo de Beja»⁵⁴. Como se comprova para Frei Manuel, neste caso, os fins justificavam os meios. Para socorrer pobres e para instruir o clero e os diocesanos tudo podia ser possível, inclusive fugir ao fisco, e todo o dinheiro que conseguisse juntar seria aplicado na “saúde da República”; um investimento que, temos de o reconhecer, era efectivamente lucrativo e de progresso.

Referências Bibliográficas

1- Manuscritos

Biblioteca Pública de Évora (BPE):

Cod. CXXVIII/2-15, [Documentos relativos à Mesa Censória], sec. XVIII, 35 docs.

Cod. CXXVIII/2-5, *Relação*, 1768-1777, fols. 56r- 63v; *Catálogo dos Livros de que usarão os Mestres distribuídos pelas matérias*, fol. 214r.

Cod. CXXVIII/2-4, *Determinação sobre a continuação dos Estudos Eclesiásticos no Bispado de Beja* , 1777, fol. 3r.

⁵² - O próprio Prelado avaliou a coleção em 300 mil cruzados, BPE, Cod. C/2-18, fl. 8v.

⁵³ - BPE, Cod. CXXX/2-19,np.

⁵⁴ - BPE, Cod. C/ 2-18, fol. 17.

Cod. C/ 2-18, [Docs. sobre a Biblioteca Pública de Évora (1811-1839)], *Provízão*, 1811, fols. 5.

Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL):

Cod. 7394, *Catálogo da Livraria do Real Colégio dos Nobres*, 1829.

Cod. 8549, *Miscellanea histórica. Escrita por José Anastácio da Costa Sá*, 1796-1800, págs. 412

2- Impressos

BALBI, Adrien, *Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*, Paris, 1822

VILLAS BOAS, Frei Manuel do, *Disposições do Superior Provincial*, Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1790.

VILLAS BOAS, Manuel do Cenáculo, *Instrucão Pastoral sobre os Estudos Fysicos do Clero*, Lisboa: Regia Officina Typografica, 1786.

VILLAS BOAS; Manuel do Cenáculo, *Cuidados Literários*, Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1791.

CHARTIER, Roger, «Livres, Lecteurs, lectures», *Le Monde des Lumières*, Paris: Aubier, 1999, págs. 284-315.

DARNTON, Robert, «Historia de la lectura», *Formas de Hacer Historia*, ed. BURKE, Peter, Madrid, Alianza Editorial, 1994, (1ed. 1991).

DOMINGOS, Manuela, «Para a História da Biblioteca da Real Mesa Censória», *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 27(1), 1992, pag. 137-158.

ESPANCA, Túlio, «Diário da viagem do Bispo de Beja D. Manuel do Cenáculo a Vila Viçosa em 1785», *Revista a cidade de Évora*, 63-64 (1981-1982), págs. 163-193.

ESPANCA, Túlio, «Subsídios para a História da Biblioteca Pública de Évora», *Revista a cidade de Évora*, 63-64 (1981-1982), págs. 193-267.

MACHADO, José Alberto, *Um coleccionador português do século das luzes*, Évora: Ciência e Vida, 1985.

MARCADÉ, Jacques, *Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Éveque de Beja, Archevêque d'Évora (1770-1814)*, Paris: Centro Cultural Português, 1978.

NORONHA; José Feliciano de Castilho Barreto, *Relatório Acerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa*, Lisboa: Typografia Lusitana, 1844.

PEREIRA, José Esteves Pereira, *O pensamento político em Portugal no Século XVIII*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.

RIBEIRO, José Silvestre, *Apontamentos históricos sobre Bibliotecas Portuguesas*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1914.

MORATO, Francisco Trigoso de Aragão, «Elogio Histórico de D. frei Manuel do Cenáculo»,

História e Memória da Academia Real das Ciências, Lisboa: Typografia da Academia, 1815, pp. 63-120.

VAZ, Francisco, «A cidade de Évora na vida e obra de Bento Farinha», *A Cidade de Évora*, 1996-1997, págs. 447-492.

VAZ, Francisco, «O catecismo no discurso da Ilustração Portuguesa», *Cultura- Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. X, 1998, pags. 217-240.

VAZ, Francisco, *Instrução e Economia. As ideias Económicas no discurso da Ilustração Portuguesa*, Lisboa, Colibri, 2002.